



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

Jessica Cordeiro Garcia

**50 TONS DE CINZA A PARTIR DA TEORIA DE SIGMUND FREUD
SOBRE O SADISMO E O MASOQUISMO**

Belo Horizonte

2017

Jessica Cordeiro Garcia

**50 TONS DE CINZA A PARTIR DA TEORIA DE SIGMUND FREUD
SOBRE O SADISMO E O MASOQUISMO**

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Teoria Psicanalítica
da Universidade Federal de Minas
Gerais como requisito para conclusão
do curso.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Roberto
Rodrigues Belo

Belo Horizonte

2017

*Freud descobriu que em todo sujeito, no sonho,
onde a censura falha, encontram-se motivos
fantasmáticos que se assemelham à perversão.*

Patrick Valas (1990)

Resumo

O objetivo dessa monografia é analisar a trilogia *50 Tons de Cinza*, da autora Erika Leonard James, das quais fazem parte os livros *Cinquenta Tons de Cinza* (2012), *Cinquenta Tons Mais Escuros* (2012), *Cinquenta Tons de Liberdade* (2012) à luz das teorias de Sigmund Freud sobre sadismo e masoquismo. Esses livros compreendem três fases, sendo que a primeira apresenta o sadismo à personagem Anastasia, que se recusa a esta prática. Na segunda fase, o personagem Grey tenta se adequar ao sexo convencional e na última a personagem Anastasia começa a se adequar à algumas práticas sadomasoquistas de seu parceiro. Será utilizado, também, o livro *Grey* (2015), que traz o personagem Grey como narrador dessas histórias. Para o estudo das práticas sadomasoquistas presentes nos três livros toma-se como referencial teórico os ensaios de Freud, a saber, “O problema econômico do masoquismo” (1924), “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) e “Uma criança é espancada” (1919), junto a outros artigos da área. Feita a análise, pretende-se desmistificar que a perversão só existe como doença e argumentar que há outras formas de se obter o prazer além do sexo convencional. Além disso, indicar que a obtenção do prazer pela dor não é algo tão incomum como imaginado pelo senso comum e, ademais, que as práticas BDSM¹, como algo consensual, podem ser exercidas devido a traumas ou simplesmente caracterizar uma forma diferenciada de se praticar o sexo e obter prazer.

Palavras chave: *Cinquenta tons de cinza*; sadomasoquismo; perversão; psicanálise; prazer.

Abstract

The objective of the present monograph is to analyze the literature within the Erika Leonard James's trilogy *Fifty Shades of Grey*, composed by the books *Fifty Shades of Grey* (2012), *Fifty Shades Darker* (2012) and *Fifty Shades of Freedom* (2012). These books pass through three phases, being exposed on the first one the sadism to the character Anastasia, as she refuses this practice. On the second one the character Grey tries to adapt to the convectional sex and on last one the character Anastasia starts to adapt to some Grey's sadomasochistic practices. It will be also considered the book *Grey* (2015), which brings the homonym character as the narrator of these stories. All of the mentioned books will serve to portray sadomasochistic behavior that will be analyzed from the psychoanalysis point of view and relate them to the sadism and masochism

according to Sigmund Freud theories found in the following essays “The economic problem of masochism” (1924), “The three essays on the theory of sexuality” (1905) and “A child is beaten” (1919), along with other articles of the academic field. Once the analysis is done, it is intended to demystify that perversion only exists as a disease and to notice that there are other ways to obtain pleasure aside from the conventional sex proposed by society. Beside this, to indicate the acquirement of pleasure through pain is not something as uncommon as imagined by common sense and, moreover, that BDSM¹ behavior, as a consensual practice, may be prosecuted due to traumas or simply a diversified manner of exert sex.

Key Words: *Fifty Shades of Grey*; sadomasochism; perversion; psychoanalysis; pleasure.

¹ According to Sara Facchini and Regina Machado “the acronym BDSM refer to Bondage, Discipline, Domination and Submission, Sadism and Masochism, a diversified set of erotic practices that eventually appear associated to fetishism and podolatry practices, among others.” (Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2013.) (tradução livre da autora)

Sumário

Introdução.....	6
Capítulo I - Definições de sadismo e masoquismo na Psicanálise.....	13
Capítulo II - Cinquenta Tons de Cinza & Psicanálise.....	21
Conclusão	39
Referências Bibliográficas.....	42

Introdução

A sexualidade no século XIX era vista como uma prática em que se preconizava apenas “a reprodução da espécie”, todo ato que desviasse desse propósito era julgado como aberração, e o prazer era desconsiderado. Segundo Patrick Valas, estudos sobre as perversões sexuais foram negligenciados até o começo do século XX, por essas práticas serem “ligadas a síndromes impulsivas e obsessivas” (VALAS, 1990, p. 11). Atualmente, a prática sexual tomou rumos mais abrangentes, porém desconhecidas em sua essência por boa parte da sociedade. Devido ao desconhecimento essas práticas são relacionadas a patologias. Até perceber a necessidade de se pesquisar mais profundamente sobre as perversões sexuais, Freud formulou um julgamento moral com relação a essas práticas. Freud foi o primeiro a realizar uma investigação sobre a teoria da sexualidade na década de 1900, partindo de um pressuposto biológico e fisiológico, que se constitui em observações clínicas dos fatores sexuais a causação da neurose de ansiedade e da neurastenia. Dentro deles foram citadas hipóteses sobre os processos de descarga sexual e excitação, assim como assuntos da bissexualidade, fatores decisivos que o autor descreve em sua obra “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905.

Em carta à Fliess, Freud (1905) apresenta, em 1896, indicações de uma aproximação psicológica da sexualidade em um estudo sobre as forças repressivas de repugnância, da vergonha e da moralidade. Fato que já havia sido descrito por Breuer e Freud, em 1893, sobre uma suspeita de que os fatores causadores da histeria transportavam de volta à infância, e que há uma reparação da histeria baseada nos efeitos traumáticos da sedução sexual na primeira infância.

A ciência usa o termo libido para esse fenômeno que explica a existência das necessidades sexuais dos seres humanos e dos animais pela hipótese de que há um instinto sexual. Percebe-se que esse instinto está ausente na infância,

vindo a se manifestar somente na puberdade com o progresso de chegada da maturidade, sendo manifesta uma atração exercida por um sexo sobre o outro. Supõe-se que a prática sexual tenha como objetivo uma união sexual entre homem e mulher. No entanto, descobre-se que há homens cujo objeto sexual é outro homem, mulheres cujo objeto sexual é outra mulher. Sujeitos assim são chamados de invertidos por Freud (1905), por terem sentimentos sexuais contrários àquilo que se presume convencional.

Há alguns desvios em relação ao objetivo sexual, que são referidos por Freud como perversões. Práticas que antecipam o ato sexual, como o ato de tocar o objeto sexual ou, simplesmente, observá-lo, práticas essas que se situam no caminho da cópula são reconhecidas como objetivos sexuais preliminares, ações acompanhadas de prazer, que intensificam a excitação e que persistem até que o objetivo sexual final seja alcançado.

Dessa forma, através da teoria de Freud, entende-se que as perversões são atividades sexuais que se espalham, num sentido anatômico, para além das regiões do corpo que se destinam à união sexual, estende-se por todo o corpo, atingindo a esfera psicológica. Ou demoram-se nas relações imediatas com o objeto sexual, que devem normalmente ser atravessadas rapidamente no caminho em direção ao objetivo sexual final.

O aparecimento de novos objetivos sexuais se refere a fixações dos objetivos sexuais preliminares. Todo fator externo ou interno que dificulta ou adia a consecução do objetivo sexual normal emprestará apoio à tendência a demorar-se nas atividades preparatórias e transformá-las em novos objetivos sexuais que podem tomar o lugar do objetivo normal. (VALAS, 1990.)

A perversão, tal como definida pela psicanálise, não é uma doença. A explicação para tal afirmação vem das experiências cotidianas que tem demonstrado que a maioria destas extensões, pelo menos, as menos graves dentre elas, são constituintes que raramente estão ausentes da vida sexual das pessoas sadias e são julgadas por elas de forma não diferente de outros

acontecimentos íntimos. Se as circunstâncias favorecem tal ocorrência, as pessoas normais podem também substituir o objetivo sexual normal por uma perversão desta espécie por bastante tempo ou podem até encontrar lugar para uma juntamente com a outra.

Para realizar o presente trabalho foram utilizados os conceitos teóricos descritos por Freud, sendo realizado assim um estudo bibliográfico em psicanálise, bem como em literatura erótica nas obras de E. L. James, intitulado a trilogia “Cinquenta tons de cinza” (2012). Os temas abordados na história narrativa dos personagens principais a respeito das práticas sexuais BDSM foram ponto de partida para embasar a relação entre as referidas obras.

Percebemos que há possibilidades de relação entre a literatura e a psicanálise, que podem ocorrer da seguinte forma: a primeira delas será pensar no relato literário como um caso clínico exemplar. Outro modo é compreender que a própria narrativa clínica tem algo de literário. Obviamente, não se trata de equivaler as duas coisas, mas de salientar que narrativa literária e clínica podem se enriquecer mutuamente.

Dentre as várias práticas de perversões, as mais comuns e mais significativas são denominadas sadismo e masoquismo. Estas conhecidas por algolagnia têm como propósito o desejo de infligir dor no objeto sexual, e seu inverso segundo Schrenck-Notzing (1899) como citado por Freud (1905), comportamento em que o sujeito dá ênfase ao prazer por meio da dor e da crueldade. Já Krafft-Ebing (1886) citado por Freud, prefere utilizar os termos sadismo e masoquismo, pois dão proeminência ao prazer sob qualquer forma de humilhação ou sujeição, uma vez que o ato sexual não é necessário como objetivo para o gozo.

O conceito de sadismo tem duas vertentes: ora é visto entre casos caracterizados por uma atitude ativa ou violenta para com o objeto sexual, ora é considerado como casos em que a satisfação é inteiramente condicionada à humilhação e aos maus tratos do objeto. Já o termo masoquismo compreende

qualquer atitude passiva em relação à vida sexual e ao objeto sexual, o seu extremo é aquele em que a satisfação se condiciona ao sofrimento de dor física ou psíquica em mãos do objeto sexual. O masoquismo nada mais é do que uma extensão do sadismo. Ambas as práticas são mais evidentes em literaturas eróticas, cujos personagens utilizam essas perversões como práticas sexuais e são comumente denominadas nesse meio por BDSM, que é considerado por aqueles que a praticam como outra forma de vida sexual.

Os textos literários e os textos científicos são gêneros que se diferem em vários aspectos, em especial, em sua função social. O primeiro serve para entreter o leitor, levando-o ou não a interpretações, nos contos eróticos a perversão não se apresenta de forma teórica, a literatura não se vê obrigada a apresentar ao leitor conceitos complexos e explicar tais comportamentos. Já o segundo tem a função precípua de analisar e tentar explicar alguns comportamentos, de forma científica, em especial, como será analisado nessa pesquisa, condutas consideradas fora dos padrões. Desta maneira, utilizaremos os dois gêneros, a trilogia “Cinquenta tons de cinza” (2012) para retratar a prática apresentada na literatura erótica e o científico, com o propósito de desmistificar que a prática da perversão não existe apenas enquanto patologia.

A literatura erótica “Cinquenta tons de cinza” (2012), relata formas de relacionamentos perversos, sádicos e masoquistas, como podemos perceber por meio da leitura desses objetos, há recorrentes negativas dos personagens “não-perversos” à prática. Porém, com o desenrolar da trama esses personagens acabam aceitando tal comportamento de seu objeto sexual e se sentem atraídos por esse tipo de prazer. Por fim, esses personagens acabam se sujeitando à vontade de seus parceiros e conclui que tais perversões são uma prática sua também, conseguindo perceber em si um potencial antes desconhecido para se obter prazer.

E. L. James, em sua trilogia *Cinquenta Tons de Cinza* (2012), assim como em seu livro “Grey” (2015), consegue prender a atenção do leitor com seu

romance erótico retratando esse tema polêmico, o que nos faz pensar em outras formas de se obter prazer, e até que ponto as pessoas necessitam de se estimularem de maneiras diferentes para chegar a esse ápice de prazer. A questão é como os leitores percebem essas práticas, e o que está por trás dessa história e se realmente há explicações para tais comportamentos. Como interpretar o efeito da obra sobre as pessoas? Como interpretar a própria história narrada? Além disso, como interpretar o romance *Cinquenta tons* a partir da teoria de S. Freud sobre o sadismo e o masoquismo?

Tomamos como pressuposto que a literatura pode nos ajudar a demonstrar alguns elementos da metapsicologia freudiana, como, por exemplo, algum leitor dessa trilogia reproduz algumas práticas sexuais explicadas na obra. É o que tentaremos responder e mostrar nas páginas seguintes.

A importância, então, em abordar as práticas sexuais BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo) apresentadas na literatura erótica “Cinquenta tons de cinza” (2012) e relacioná-las às teorias apresentadas por Freud, se conclui que através do estudo das teorias sobre perversão é possível apreciá-la não como doença, mas como outra forma de se obter prazer além do sexo convencional. Além disso, indicar que a obtenção do prazer pela dor não é algo tão incomum e que as práticas BDSM, como algo consensual, podem ser exercidas devido a traumas ou, simplesmente, uma forma diferenciada de se praticar o sexo para obter prazer.

Para tal, serão utilizados como fundamentação teórica alguns textos de Sigmund Freud, como os “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), “O problema econômico do masoquismo” (1924); “Uma criança é espancada” (1919), dentre outros. Estas teorias visam a abordar a questão do prazer na dor, que para o sujeito que faz uso dessa prática é um ato um tanto quanto inconsciente, em que o ele tem a necessidade de obter esse prazer e não consegue perceber o porquê dessa necessidade. Ou até como o sujeito consegue lidar com os sentimentos que são gerados ao ser submetido a essa instância

inconsciente, pela qual o sujeito pode ter um sentimento de culpa refletida nesse querer gerar humilhação e dor no outro para o próprio gozo. Esse sujeito que sente prazer em produzir dor em seu (sua) submisso (a) numa relação sexual, é também capaz de gerar prazer àquele outro.

O relato clínico vai além da simples narrativa literária de fatos e eventos (externos e internos) da vida de alguém. Trata-se de um relato permeado pela metapsicologia. Uma narrativa cujo sentido será marcado fundamentalmente pela pesquisa em torno do inconsciente e seus efeitos.

Segundo o Vocabulário de Psicanálise, a metapsicologia é um conjunto de teorias psicológicas em que são sistematizados pelo método psicanalítico de investigação e tratamento os dados introduzidos pelos pacientes (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998). Sendo assim, pode-se, então, definir, de acordo com Guimarães e Bento, o “estudo de caso em psicanálise como sendo a escrita da clínica analítica, do *pathos*, incluindo, além da sua mera descrição, a sua teorização”. (GUIMARÃES; BENTO, 2008, p. 3).

A escolha da trilogia justifica-se justamente por ser um romance que chamou bastante atenção das mulheres, dos críticos e gerou certa polêmica com o fato do personagem Grey usar a violência e o dinheiro para obter prazer e, dessa forma, conseguir conduzir a personagem Anastasia para o seu mundo de dor e prazer. Outro ponto relevante diz respeito ao fato de os leitores inferirem ser esse procedimento uma doença e não apenas uma forma de se obter prazer, mas uma perversão doentia, na qual há necessidade de humilhar o outro, por simplesmente ser da elite, milionário. O fato que nos interessa não é esse. Importam-nos as fantasias de Grey devido aos acontecimentos em sua vida, seus traumas infantis. O personagem não se sente no direito de poder dar e receber amor de uma forma natural, não sendo merecedor de tal sentimento, e não conseguindo deixar alguém entrar em sua intimidade de forma serena e sem sofrimento, mas tão somente se relacionar através das práticas sadomasoquistas, nas quais ele tem o poder de controlar tudo.

A trilogia retrata o tema da infância do personagem principal, sua relação com a mãe biológica, sua família adotiva e como eram seus relacionamentos com as mulheres. Um conto erótico que chama atenção do público não só pelo erotismo, mas também pelo romance, pela fantasia dos personagens, e em como o amor pode melhorar uma pessoa traumatizada. Também como o sofrimento não precisa ser doloroso a todo o momento. Veremos que Grey, em seu relacionamento com Anastasia e com ajuda de seu psicanalista, consegue superar seus medos e traumas.

Utilizaremos a trilogia para ilustrar como o sadomasoquismo pode ser observado pela sociedade e pela teoria de Sigmund Freud. Para tanto, primeiramente, no capítulo I, vamos apresentar, resumidamente, como Freud caracteriza a perversão. No capítulo II, vamos fazer um resumo descritivo da obra literária em exame e apresentar algumas hipóteses teóricas a fim de interpretar, a partir da metapsicologia freudiana, examinando o comportamento sexual dos personagens da trama. Na conclusão, articulamos de forma resumida nosso percurso nos dois capítulos anteriores.

Capítulo I- Definições de sadismo e masoquismo na Psicanálise

No dicionário de psicanálise de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998), o termo masoquismo, criado por Richard Von Krafft-Ebing, em 1890, e cunhado a partir do nome do escritor austríaco Leopold Von Sacher–Masoch (1835-1895), serve para designar uma perversão sexual – fustigação, flagelação, humilhação física e moral – em que a satisfação provém do sofrimento vivido e expresso pelo sujeito em estado de humilhação. Esse termo pertence principalmente ao vocabulário da sexologia, mas retomado por Sigmund Freud e seus sucessores no contexto mais genérico de uma teoria da perversão estendida a outros atos, além das perversões sexuais. Assim, foi vinculada ao termo sadismo para dar origem a um novo vocabulário, sadomasoquismo, que se consolida numa terminologia psicanalítica da seguinte forma:

O sadomasoquismo termo forjado por Sigmund Freud, a partir de sadismo e masoquismo, para designar uma perversão sexual baseada num modo de satisfação ligado ao sofrimento infligido ao outro e ao que provém do sujeito humilhado. Por extensão, esse par de termos complementares caracteriza um aspecto fundamental da vida pulsional, baseado na simetria e na reciprocidade entre um sofrimento passivamente vivido e um sofrimento ativamente infligido.

(ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 681)

Em 1905, Freud escreveu sua contribuição mais significativa para o conhecimento humano, “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”. O autor não intencionava uma teoria da sexualidade com esses ensaios, ele intentava, apenas, esclarecer parcialmente, fundado na sua experiência, um

estudo independente de toda pesquisa biológica já existente, de acordo com Valas (1990).

As atividades como apalpar o outro, beijá-lo e contemplá-lo trazem prazer em si mesmo e no outro e são reconhecidas com finalidades sexuais preliminares em certas relações intermediárias com o objeto sexual, intensificando a excitação que deve perdurar a caminho do coito até que se alcance o objetivo sexual definitivo. Freud as considera como sendo caracterizadas por duas ordens de fenômenos, as transgressões anatômicas e as fixações de objetivos sexuais provisórios, que geralmente deveriam ser atravessadas rapidamente para se atingir o objetivo sexual final. (FREUD, 1905, p.141)

Considera-se como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual. Todavia, nesse processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações sexuais, descritas como *perversões*. (FREUD, 1996, p. 141).

As transgressões anatômicas, quanto aos órgãos, estão ligadas a uma supervalorização libidinal do objeto sexual e se tornam possíveis por este viés. A mesma supervalorização irradia-se pelo campo psíquico e se manifesta como um enfraquecimento do juízo perante as realizações anímicas e as perfeições do objeto sexual, também como uma submissão crédula aos juízos dele proveniente. Além disso, é essa supervalorização sexual que não suporta bem a restrição do objeto sexual à união dos órgãos genitais propriamente ditos e que contribui para elevar as atividades ligadas a outras partes do corpo à condição de objetos sexuais.

Segundo Patrick Valas (1990), a respeito dessa transgressão anatômica e do desvio com relação ao objetivo sexual na teoria de Freud, as forças inibidoras que normalmente orientam a pulsão sexual para seu objetivo normal, aqui são

ultrapassadas, de sorte que o sujeito pode ser conduzido a uma fetichização de certas partes do corpo do parceiro, chegando às vezes a renunciar ao ato sexual e fixar-se nos objetivos preliminares para a obtenção do prazer.

Freud considera, o fetichismo como uma variação da normalidade, até o limite da perversão e do patológico. Mas só se pode falar de patológico no caso em que sobrevém certa impotência por deficiência do aparelho genital.

O sujeito pode ser desviado do objetivo sexual normal pela intensidade do prazer obtido nas preliminares, mas outros fatores podem intervir como a impotência, a valorização do objeto sexual, perigos atribuídos ao ato sexual normal, aos quais permanece fixado. Freud percebe que em todo caso, tocar e olhar o objeto é normal, mas torna-se uma perversão, por exemplo, se o prazer de ver se limitar exclusivamente às partes genitais, ou se tiver associado à anulação da repugnância, ou ainda, se ao invés de ser preparatório para o objetivo sexual normal, ele o ultrapassa. Freud considera que o pudor seria a força que se opõe a essas perversões. E é este fato de haver destacado este traço que leva Freud ao estudo daquilo que ele considera como as perversões cardeais, o sadismo e o masoquismo.

O sadismo, não seria outra coisa além de um excessivo desenvolvimento do componente agressivo da pulsão sexual, ou seja, o sadismo é visto como expressão do caráter ativo da pulsão. Querer causar sofrimento ao objeto sexual é, de certa forma, querer dominá-lo para além da sedução. Essa perversão se manifesta de forma ativa. (VALAS, 1990, p. 81)

O masoquismo, que seria o seu oposto, uma forma passiva de expressão da tendência sexual, não é considerado por Freud, neste momento de sua obra, como uma perversão primária, mas, sim, apenas o retorno do sadismo sobre o sujeito, que toma então o lugar do objeto sexual na satisfação que experimenta com o sofrimento infligido pelo parceiro. Uma análise clínica dos casos extremos de perversão masoquista mostra a colaboração de uma ampla série de

fatores, como o complexo de castração e a consciência de culpa, no exagero e fixação da atitude sexual passiva originária.

Essas perversões, a atividade (sadismo) e a passividade (masoquismo) que formam seus caracteres fundamentais e opostos são constituintes da vida sexual em geral. Na visão de Valas (1990), Freud acredita que um sádico é sempre um masoquista, e que a dominante ativa ou passiva pode caracterizar a atividade sexual prevalente. Sendo assim, o sadomasoquismo não pode ser explicado apenas pelo elemento de agressão, deve ser relacionado à expressão da bissexualidade que a psicanálise substitui em geral pela oposição ativo-passivo.

Portanto, o masoquismo compartilha a satisfação sexual que se encontra presente no sadismo e Freud enfatiza o papel da identificação com o outro na fantasia e que se destaca a agressão contra a própria pessoa.

Já em seu texto “Além do Princípio do Prazer” (1920), Freud percebeu que seus pacientes apresentavam nos sonhos traumáticos uma compulsão à repetição que nada tinha a ver com uma busca pelo prazer. Por isso, Freud abandona sua primeira teoria das pulsões – pulsão de auto conservação e pulsão sexual – e introduz um novo dualismo para caracterizar o conflito psíquico, pulsão de vida e pulsão de morte, constatando que pulsão de vida busca a manutenção da vida, faz com que Freud passa a considerar o sadismo como uma manifestação da pulsão de morte. Por se tratar de uma expressão dessa pulsão que visa sempre, primariamente, a auto-agressão, mas em fusão com a pulsão de vida, acaba por dirigir a agressão para o objeto externo.

Para compreender melhor o masoquismo Freud cita em seu texto “O Problema Econômico do Masoquismo” em 1924:

o masoquismo apresenta-se à nossa observação sob três formas: como condição imposta à excitação sexual, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento (behaviour). Podemos, por conseguinte,

distinguir um masoquismo erógeno, um masoquismo feminino e um masoquismo moral.
(FREUD, 1924, p. 201 e 202.)

Freud descreve que o masoquismo erógeno acompanha a libido por todas as suas fases de desenvolvimento e delas deriva seus revestimentos psíquicos cambiantes, no qual o sujeito obtém prazer no sofrimento. O medo de ser devorado pelo animal totêmico, representação inconscientemente do pai, origina-se da organização oral primitiva. O desejo de ser devorado pode se transformar em desejo de ser espancado pelo pai, na tradução que ganhará na fase anal-sádica Freud conceitua como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga. O masoquismo presente nessa fase pode fazer aparecer fantasias de ser castrado, ser copulado ou gerar um bebê do pai. O papel também desempenhado no masoquismo pelas nádegas é facilmente compreensível, independentemente de sua base evidente na realidade. Com isso, as nádegas são a parte do corpo que recebe preferência erógena na fase anal-sádica, tal como o seio na fase oral e o pênis na genital.

O masoquismo feminino é o mais acessível às observações e o menos problemático, e pode ser examinado em todas as suas relações, possui também suficiente familiaridade com o tipo de masoquismo nos homens, cujas fantasias se concluem por um ato de masturbação ou representam uma satisfação sexual em si própria. Os desempenhos da vida real de pervertidos masoquistas harmonizam-se completamente com essas fantasias, quer sejam os desempenhos levados a cabo como um fim em si próprio, quer para induzir potência e conduzir ao ato sexual. Isso porque os desempenhos são, no fim das contas, apenas uma execução das fantasias em jogo, o conteúdo manifesto é de ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma forma maltratado, forçado à obediência incondicional, sujeitado e aviltado.

Já o masoquismo moral de acordo com Freud em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924) é principalmente notável por haver

frouxado sua vinculação com aquilo que identificamos como sexualidade. Todos os outros sofrimentos masoquistas levam consigo a condição de que emanem da pessoa amada e sejam tolerados à ordem da pessoa. No masoquismo moral essa restrição foi abandonada, o próprio sofrimento é que importa, seja ele decretado por alguém que é amado ou por alguém que é indiferente.

Fernando César B. de Andrade (2011) explica que Freud, em seu texto “Pulsão e destino das pulsões”, exemplificou a reversão ao oposto, analisando se a fórmula da reversão do sadismo sobre o próprio sujeito mantém-se na explicação do masoquismo quando a mesma pulsão sexual muda de objeto sexual e se fixa no eu do sujeito. Após essa percepção vem o conceito de pulsão de morte, que se relaciona com o masoquismo, compulsão e agressividade à repetição. Segundo Valas, a hipótese da pulsão de morte vai conduzir Freud a modificar sua concepção do masoquismo, da seguinte forma:

Ele formulará a ideia de que o masoquismo, pulsão parcial complementar do sadismo, era compreendido como um retorno do sadismo contra o próprio eu. Mas o fato de que a pulsão se volte do objeto para o eu, ou que se dirija do eu para o objeto – o que é o ponto novo – isso não é, por princípio, diferente. “O masoquismo, a pulsão que se volta contra o próprio eu, seria, pois, na realidade, um retorno a uma fase anterior dessa pulsão, uma regressão. A formulação que então dei ao masoquismo deveria ser modificada, pois, naquilo que tem de por demais exclusivo: poderia haver também o masoquismo primário, o que eu na época, recusava.”

(Freud *apud* Valas, 1990, p. 81)

Tratando-se de fantasia, têm-se sentimentos de prazer relacionados a ela e, por causa deles, o sujeito a reproduz em inumeráveis ocasiões, no passado, ou pode até mesmo ainda continuar a fazê-lo. A vergonha e o sentimento de culpa são talvez mais intensamente provocados em relação a essa fantasia, do que

quando são feitos relatos semelhantes de lembranças do início da vida sexual. A fantasia, citada por Freud em 1919, no texto “Uma Criança é Espancada”,

era invariavelmente catexizada com um alto grau de prazer e tinha a sua descarga num ato de agradável satisfação auto erótica. Poder-se-ia esperar, portanto, que a visão de outra criança sendo espancada na escola fosse também uma fonte de prazer semelhante. Na realidade, porém isto jamais acontecia. A experiência das cenas reais de espancamento na escola produzia na criança que as testemunhava um sentimento peculiarmente excitado, que era provavelmente de caráter misto e no qual a repugnância tinha larga parcela. (FREUD, 1919, p. 196)

Freud em seu texto “Uma Criança é Espancada”, cita “Essa fantasia – ‘uma criança é espancada’ – era invariavelmente catexizada com um alto grau de prazer e tinha a sua descarga num ato de agradável satisfação auto erótica.” A questão que Freud procurava entender estava em saber que relação poderia haver entre a importância das fantasias de espancamento e o papel que esse castigo corporal de verdade poderia ter desempenhado na educação das crianças em casa. (FREUD, 1924, p.196)

Nessas circunstâncias, era impossível, de início, até mesmo decidir se o prazer relacionado à fantasia de espancamento deveria ser descrito como sádico ou como masoquista. Uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação auto erótica, só pode ser considerada como um traço primário de perversão, devido ao conhecimento que obtemos. (FREUD, 1924 p. 197)

Um dos componentes da função sexual desenvolveu-se à frente do resto, tornou-se prematuramente independente, sofreu uma fixação, sendo, por isso, afastada dos processos posteriores de desenvolvimento, e, desta forma, dá evidência de uma constituição peculiar e anormal no indivíduo. Contudo, uma perversão infantil, deste tipo principalmente, não persiste necessariamente por

toda a vida, mais tarde pode ser submetida à repressão, substituída por uma formação reativa ou transformada por meio da sublimação. Isso pode ser reconhecido, hoje em dia, em alguns sujeitos que fazem uso dessas práticas sexuais do Bondage, Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo – conhecido pela sigla BDSM. Por sua vez, “SM” significa “sadomasoquismo”.

Conseguimos perceber que essas práticas sexuais do BDSM passam a ser tematizadas na literatura socioantropológica brasileira a partir dos anos 2000, quando a maior parte da literatura produzida trabalha com as histórias dos praticantes do BDSM, nas quais podem ter o privilégio de obter relações entre convenções igualitárias e práticas eróticas, do mesmo modo que sobre os processos de mudanças sociais relacionadas a convenções acerca do gênero e de sexualidade descrito por Facchini e Machado (2013). Na maioria dos casos, há lugares próprios para tais práticas sexuais BDSM, como festas e/ou clubes, mantendo sua vida cotidiana, sendo uma posição igualitária, uma vez que haja possibilidade de consentimento de cada participante.

Capítulo II - Cinquenta Tons de Cinza & Psicanálise

Para a psicanálise, a fantasia são as encenações de desejo que podem produzir prazer. Podemos perceber que a literatura faz o uso de fantasias típicas e isso talvez explique a adesão das pessoas às narrativas literárias. Por identificação, elas podem realizar suas fantasias, conscientes ou não, através das histórias que lêem.

A trilogia “Cinquenta tons de cinza” (2012) são compostos por romances eróticos que retratam uma prática sexual usada na vida sexual de sujeitos na vida real, na qual se sente prazer pela dor, e de inúmeras formas dessa prática de dar e/ou receber prazer, chegar ao clímax, utilizando a dor, submissão, humilhação e exposição. O que a autora apresenta em sua obra é romântico, um casal que se conhece por meio de um trabalho acadêmico da mocinha. O personagem Grey se sente atraído de tal forma que não consegue se controlar e faz com que eles se reencontrem e se conheçam melhor, chegando a se relacionar fisicamente e emocionalmente. Com diferença de status social e forma de se ter um relacionamento, o casal se depara com obstáculos, medos, preconceitos.

Ao ler a obra percebemos que há muito mais por trás desse relacionamento. Seus personagens principais são Christian Grey, que aparenta ser um homem frio, dominante, controlador, sem acreditar ter sentimentos e ser merecedor de criar sentimentos bons nos outros, por ser um dominador sádico; e Anastasia Steele apresenta-se tímida, quieta, inteligente, inexperiente na vida amorosa, deixando até certo ponto o personagem Grey acreditar ser uma submissa, mas esta não se deixa dominar por completo.

O que pretendemos apresentar no presente capítulo, após esse breve resumo do que a trilogia aborda, são trechos nos quais é apresentado o sadomasoquismo, uma relação que precisa de dor para se obter prazer, através

de um personagem que tem que controlar tudo e todos para conseguir seguir sua vida normalmente, devido ao trauma infantil que não conseguiu elaborar até o fim da trilogia. Dessa forma, foi feita uma ligação com as teorias de Sigmund Freud e ao que a psicanálise tem de teoria sobre o sadomasoquismo.

No primeiro encontro dos personagens podemos ter duas percepções, Ana o descreve como um homem muito jovem para ter uma empresa de tão grande porte e, além disso, é muito atraente, ela deduz também que o rapaz tem um ar de maníaco controlador. Já Grey teve também sua impressão sobre Ana nesse primeiro encontro. Nesta passagem, conseguimos compreender o que se passa na mente de um sadomasoquista ao ser observado por uma mulher que não faz ideia de suas necessidades, podemos perceber isso nos diálogos que seguem retirados dos livros “Cinquenta tons de cinza” (2012), contada pela personagem Anastasia e “Grey”(2015), em que a narrativa é do personagem Christian Grey:

- O senhor fala como um maníaco por controle.
 - Ah, eu controlo tudo, Srta. Steele – diz ele sem nenhum vestígio de humor no sorriso.” [...] Além do mais, é possível conquistar um imenso poder quando nos convencemos, em nossos devaneios mais secretos, de que nascemos para controlar – prossigue ele, com a voz macia.
 - Acha que possui um imenso poder? – Maníaco por controle.
- (JAMES, 2012. p. 13)

- “– O senhor fala como um maníaco por controle – diz ela, absolutamente séria.” [...] Que droga! Talvez ela consiga enxergar o que há dentro de mim.
 - “Controle” é meu nome do meio, querida.
 - Ah, eu controlo tudo, Srta. Steele. – E gostaria de controlá-la também, bem aqui, agora mesmo. [...]
- (JAMES, 2015.p. 14)

- Gosto do controle que isso me dá, Anastasia. Quero que você se comporte de um determinado jeito, e se você não se comportar, punirei você, e então aprenderá a se comportar do jeito que eu quero. Gosto de castigar. Quis dar uma surra

em você desde que me perguntou se eu era gay. [...] É também o fato de você ser minha para eu fazer o que achar conveniente. Controle máximo sobre outra pessoa. E isso me excita. Muito, Anastasia.
(JAMES, 2015. p. 256 - 257)

Anastasia não sabe que Grey realmente é maníaco por controle, não conhece suas preferências sexuais e o domínio que ele tem que exercer sobre as mulheres com as quais se relaciona “suas submissas”, por assim dizer. Mas ela consegue perceber um ar misterioso no personagem. O leitor percebe a atração dos dois e já imagina o desenrolar da história, mas será que percebe que pode haver um “por quê” de ele necessitar desse controle por tudo e todos? Essa é uma pergunta que o leitor deve fazer ao ler a trilogia, assim como o que pretendemos com a análise aqui apresentada.

Christian Grey é um personagem que se apresenta como dominador para aqueles que praticam o BDSM. Dominador é alguém que sente prazer no poder que tem em controlar física e psicologicamente uma personalidade submissa. Através da sua forma de dominar, consegue que a pessoa escolhida para interagir com ele se entregue de corpo, alma, coração e, principalmente, de uma forma submissa. É essa relação dominador/submissa que Grey oferece à Anastasia, na qual ela seria sua submissa de acordo com suas regras pré-estabelecidas no contrato, em que lhe serão apresentados os seus limites e o que ele teria para oferecer nessa relação. Dominar é muito mais do que utilizar chicotes, fazer sessões, mandar, controlar a prática. Dominar também é ter atitudes nobres, é saber pedir em vez de mandar, é saber exigir sem intimidar, é saber quando deve castigar e recompensar, é saber reconhecer que a sua submissa não é um ser inferior, mas, sim, a metade que o completa. Estas características são descritas no site Estilo BDSM exemplificando cada característica dos sujeitos envolvidos na relação dominador-submissa. (ESTILO

BDSM. Práticas BDSM. Disponível em: <<https://estilobdsm.wordpress.com/praticas-bdsm/>>. Acesso em 4 jul. 2017.)

Christian Grey apresenta-se ao longo da trilogia, com a necessidade de cuidar, de manter a parceira segura e sob cuidado se mostra de fato essas características, como podemos inferir da frase: “[...] Eu realmente poderia cuidar de você”. (James, 2015. p. 16). Esse cuidado, quando se trata de um dominador pode ser apresentado de maneira perversa, pois o leitor não o interpreta como um cuidado para o submisso e sim para o próprio benefício, mas por isso necessita do consentimento do outro. Grey, não teve os cuidados da mãe, chegou a passar fome na infância e em sua vida adulta, e por isso, tem como objetivo de vida diminuir a fome no mundo, assim como cuidar para que suas submissas se cuidem para o próprio bem-estar e não unicamente para satisfazê-lo. Grey apresenta o contrato que prevê todos os termos, limites e obrigações exigidos de suas submissas. Estas, ao consentirem, com a assinatura do contrato, devem cumprir regras como:

CONTRATO

[...] APÊNDICE 1 – REGRAS

Sono: A submissa assegurará alcançar o mínimo de sete horas de sono por noite quando não estiver com o Dominador.

Alimentação: A submissa consumirá regularmente os alimentos previamente listados (apêndice 4) para conservar a saúde. A submissa não comerá nada entre as refeições, com a exceção de frutas.

Segurança Pessoal: A submissa não se excederá na bebida, não fumará, não fará uso de drogas recreativas nem se colocará desnecessariamente em qualquer situação de risco.

[...]

(JAMES, 2015. p.176)

Em seu primeiro encontro, Grey deixa claro em seus pensamentos o quão ele se sentiu atraído por Anastasia e a imaginava como sua submissa, em como

ele iria sentir prazer ao fazê-la como sua. Seu lado dominador e protetor invadiu seus pensamentos, deixando-o confuso com tais desejos.

Podemos encontrar no Dicionário de Psicanálise de Roudinesco (1998) como fetichismo que é o termo criado aproximadamente em 1750, com base da palavra fetiche, o psicólogo Alfred Binet, designa que uma atividade da vida sexual normal, que consiste em privilegiar uma parte do corpo do parceiro, quer uma perversão sexual caracterizada pelo fato de uma das partes do corpo, seja ela o pé, boca, seios, cabelos ou até mesmo objetos relacionados com o corpo como, sapatos, chapéus, tecidos etc. serem tomados como objetos exclusivos de uma excitação ou um ato sexual. Ou seja, fetiche é nada mais que qualquer objeto ou parte do corpo que pode ser erotizado para satisfazer os desejos de alguém. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 249.)

Ao ser apresentada por Grey à sua vida, ao seu fetiche, ao seu objeto de prazer, ao que dá a ele prazer, Anastasia percebe qual será o seu papel nesse “jogo” citado em “Cinquenta tons de cinza” (2012). Já em “Grey” (2015), com a narrativa de Christian, percebemos os pensamentos do personagem ao se apresentar como dominador e o que de fato ele deseja. Vejamos na primeira citação o ponto de vista de Anastasia e, na segunda citação, o de Grey:

[...] O objeto de plumas me intriga. Toco nele timidamente. É de camurça. [...]

- Chama-se açoite – diz Christian com a voz baixa e macia. Açoite... hum. Acho que estou em estado de choque. Meu inconsciente desapareceu, ficou mudo ou simplesmente caiu fulminado. Estou paralisada. Posso observar e absorver, mas não consigo articular meus sentimentos, porque estou em estado de choque. Qual é a reação apropriada à descoberta de que um amante em potencial é um completo tarado sadista ou masoquista? Medo... sim... esse parece ser o sentimento preponderante. Reconheço agora. Mas, por incrível que pareça, não tenho medo dele. Não acho que ele vá me machucar, bem, não sem meu consentimento. [..]

- Diga alguma coisa – ordena Christian, a voz enganosamente macia.
 - Você faz isso com as pessoas ou elas fazem isso com você?
 - As pessoas? – Ele pisca duas vezes ao considerar a resposta. – Faço isso com mulheres que querem que eu faça. [...]
 - Você é sádico?
 - Sou dominador. – Seu olhar é abrasador, intenso.
- (JAMES, 2012. p. 92 - 93)

Abro a porta e a sigo para dentro do quarto de jogos.

Meu porto seguro.

O único lugar onde posso ser o que realmente sou.

Ana está parada no meio do quarto, observando toda a parafernália que faz parte da minha vida de modo tão significativo: os chicotes, as varas, a cama, banco...Ela continua em silêncio, absorvendo o ambiente, e tudo o que ouço são as batidas ensurdecedoras do meu coração conforme o sangue corre pelos meus tímpanos.

Agora você sabe.

Esse sou eu. [...]

– Sou dominador – Respondo depressa, esperando manter a conversa fluindo. [...]

– Eu tenho regras e quero que você as obedeça. Elas são para o seu bem e para o meu prazer. Se seguir essas regras como eu desejo, eu a recompensar. Se não seguir, eu a castigo, e você aprende.

E mal posso esperar para treinar você. Em todos os aspectos.

(JAMES, 2015. p. 91-92)

Há um efeito de sedução nas cenas do romance, quando eles não sabem da vida um do outro, mas se sentem atraídos, sem perceber que a atração é recíproca. Os leitores percebem a possessividade de Grey sobre Anastasia, e como ele não mede esforços para conquistá-la, para transformá-la em sua submissa. Todavia, o que muitos leitores não entendem é como funcionam essas práticas sexuais, pois elas têm de ser consentidas pelo outro, algo que ambos

queiram que aconteça, não apenas sobre a vontade de um único sujeito na relação sexual.

Como BDSM é um relacionamento entre adultos que se pretende como satisfatório para todos, cabe à submissa definir os seus limites e permitir que o dominador os identifique, dando-lhe o consentimento com o objetivo de serem superados da forma que o dominador considerar ser a mais proveitosa para ambos. Somente após esse consentimento é que, de fato, o dominador tem uma relação com essas práticas sexuais com sua submissa das quais depende da dor do outro para a satisfação final. Como pode ser percebido no texto quando o contrato que já foi citado é entregue a Anastasia:

Ah, seria uma delícia treiná-la...mulher desafiadora, enlouquecedora.

Ela examina o prato, mordendo o lábio.

- Eu gostaria de morder esse lábio – sussurro, porque é a mais pura verdade. [...]

- Por que não morde? – Provoca Ana baixinho.

Ah. Não me tente, garota. Não posso. Ainda não.

- Porque não vou tocar em você, Anastasia. Não até ter seu consentimento por escrito para fazer isso. [...]

- Este é um termo de confidencialidade. – Eu o coloco na mesa de centro à frente do sofá. Ana parece confusa e surpresa. – Minha advogada insiste nisso – continuo. – Se você escolher a segunda opção, a degradação, vai precisar assinar isto.

(JAMES, 2015. p. 73 - 89)

Em sua primeira noite juntos, Christian Grey, por saber que Anastasia ainda era virgem, decide, com o consentimento dela, fazer amor e não ter a relação sadomasoquista. Isto porque como explica Facchini e Machado (2013) citando McClintock, Facchini e Gregori, “o BDSM mobiliza hierarquias sociais como fonte para a elaboração de roteiros eróticos, mantém na vida cotidiana (ou vida baunilha, como é chamada pelos praticantes) uma posição igualitária que é

pressuposto para que haja possibilidade de consentimento”. (2013, p. 3). Em “Cinquenta tons de cinza” (2012), Christian então deixa de lado sua personalidade sádica, ultrapassando seus limites, vivenciando essa relação sexual convencional (sexo baunilha), tirando assim a virgindade da personagem e introduz Anastasia na vida sexual.

[...] Ele se deita ao meu lado, e sua mão passeia pelo meu quadril, passando pela cintura e subindo até meu seio. [...] Ele chupa delicadamente um enquanto sua mão vai para o outro seio e ele rodeia com o polegar o bico do mamilo, alongando-o. Gemo, uma sensação doce percorre minhas entranhas. Estou toda molhada. Ah, por favor, imploro internamente, agarrando-me com mais força ao lençol. [...]

- Vamos ver se podemos fazer você gozar assim – sussurra ele, sem interromper o assalto lento e sensual. Meus mamilos suportam o delicioso impacto de seus dedos e seus lábios hábeis, que acendem cada uma das minhas terminações nervosas e fazem meu corpo inteiro cantar com uma doce agonia. Ele simplesmente não para.

- Oh... por favor – imploro, e inclino a cabeça para trás, a boca aberta enquanto gemo, esticando as pernas. Minha nossa, o que está acontecendo comigo?

[...] Seus dentes estão cerrados em volta do meu mamilo, e ele puxa, forte, com o polegar e o indicador, e eu desmancho na sua mão, o corpo estremeando em espasmos e explodindo em mil pedaços. Ele me beija. [...]

- Quer mesmo fazer isso? – pergunta suavemente.

- Por favor – imploro.

- Levante as pernas – ordena com delicadeza, e obedeço de imediato. – Agora vou começar a foder com você, Srta. Steele – murmura ele, ao posicionar a cabeça de seu pau na entrada do meu sexo. – Com força – murmura, e me penetra.

- Aai! – grito ao sentir um estranho beliscão lá dentro de mim quando ele tira minha virgindade.

(JAMES, 2012. p. 106 - 107)

Ao longo do relacionamento dos personagens, Grey apresenta aos poucos o que são as práticas sexuais BDSM à Anastasia, já que muitas vezes, não se precisa infligir necessariamente dor no outro, podendo praticar com o Bondage,

por exemplo, que é fetiche por amarrar o parceiro, restringindo para dar prazer, usando cordas, roupas, apetrechos que os praticantes usam para disciplinar o parceiro; na trilogia foi marcado pela autora o uso das gravatas de Christian para ilustrar a prática do Bondage. Assim como há o contrato de consentimento, há regras e limites pré-estabelecidos entre os praticantes, quando se chega ao limite do outro se tem uma palavra de segurança que é dita no ato da relação sexual que se falada, faz com que o parceiro dominador pare exatamente o que está fazendo, pois soube que chegou até o limite máximo que o submisso aguenta de dor e humilhação, onde já não se obtém o prazer. Demonstrando com os trechos dos livros “Cinquenta tons de cinza” (2012) e “Cinquenta tons de liberdade” (2012):

- Aceite – sussurra com ardor. [...]
 - Nosso acordo. Ser minha. Por favor, Ana – murmura, implorando, enfatizando a última palavra e meu nome. [...]
 Ele quer mesmo isso.
 - Você confia em mim? – pergunta de repente.
 Faço que sim com a cabeça. [...]
 Entra no closet e volta com uma gravata de jacquard de seda cinza prateada.
 - Junte as mãos na frente do corpo – ordena ao tirar a toalha que me cobre e jogá-la no chão.
 Faço o que ele pede, e ele amarra meus pulsos com a gravata, apertando bem. Seus olhos brilham de excitação. Ele puxa o nó. Está firme. Deve ter sido escoteiro para ter aprendido esse nó. [...]
 (JAMES, 2012. p. 126 - 129)

As tiras do açoite deslizam sobre minha barriga protuberante em um ritmo lânguido e ansioso. [...]
 - Ah, por favor – suplico, puxando as amarras acima da minha cabeça. Estou de pé com uma venda nos olhos e presa à grade do quarto de jogos. A doce corda do açoite belisca minha bunda.
 (JAMES, 2012. p. 505)

Chega o momento em que Anastasia pede a Grey para lhe mostrar o quanto pode doer à punição de algo, ao ser sua submissa. Quer testar até onde aguenta, se consegue dar esse tipo de prazer a ele, e em qual medida ele pode executar toda sua dominação sobre ela. Aqui entra o limite de cada um na prática BDSM, no qual a submissa percebe que não é esse tipo de prazer que quer para si, e, por isso, não consegue de fato consentir com o que o dominador quer dela. Retratamos a visão de Anastasia, que foi contada pela autora em “Cinquenta tons de cinza” (2012) e a visão de Christian Grey narrada em “Grey” (2015), a prática sexual da qual o sadomasoquista necessita para obter prazer, em que ele demonstra sua necessidade, seu lado sádico e seus pensamentos ao realizar seu fetiche. Com isso, Anastasia percebe que não é uma submissa e que sua relação com Christian Grey não funcionará devido a essa falta de submissão em sua personalidade, percebemos que para essa personagem não se tem o gozo satisfatório ao realizar essa prática sadomasoquista. E como qualquer relação BDSM, o dominador não obriga o outro a se submeter a qualquer submissão: deve haver o consentimento do outro (a submissa). Por isso Grey a deixa ir mesmo sabendo que é dessa dominação por ela que ele precisa. Conseguimos perceber com as duas citações abaixo, sendo a primeira contada pela Anastasia e a segunda, por Grey:

- A punição. Quero saber até que ponto pode ser doloroso. Christian recua, completamente confuso. [...]
- Ana, você é muito confusa.
- Eu estou confusa. Estou tentando entender. E você vai saber, de uma vez por todas, se eu consigo fazer isso. Se eu conseguir lidar com isso. [...]
- Estamos aqui porque você disse sim, Anastasia. E fugiu de mim. Vou bater seis vezes, e você vai contar comigo. [...]
- E você revirou os olhos para mim. Você sabe o que eu acho disso. [...]
- Conte, Anastasia – ordena ele.
- Um! – grito para ele, e a palavra soa como um expletivo.

Ele torna a me bater, e a dor lateja e ecoa ao longo da correia. Puta merda... isso arde. [...] Minha voz é mais um soluço engasgado, estrangulado, e, neste momento, penso que o odeio. Mais uma, não aguento mais. Meu traseiro está pegando fogo.

- Seis – sussurro, sentindo de novo na pele a dor abrasadora, e escuto-o largar a correia atrás de mim, e ele está me puxando para seus braços, todo ofegante e compassivo... e eu não quero nada com ele.

- Solte-me... não...

Endireito-me e olho para ele, e ele está me observando como se eu pudesse sair correndo, olhos arregalados, desconcertado. [...]

- É disso que você realmente gosta? De mim, assim? – Uso a manga do roupão para secar o nariz.

Ele me olha desconfiado.

- Bem, você é um filho da puta.

- Ana – apela ele, chocado.

- Não se atreva a apelar para mim! Você precisa se resolver, Grey!

E, com isso, dou meia-volta com firmeza e saio do quarto de jogos, fechando a porta calmamente ao passar. [...]

- Eu sinto muito – murmuro.

[...] – Acho que não posso ser tudo que você quer que eu seja.

- Você é tudo que eu quero que seja.

O quê?

- Não entendo. Eu não sou obediente e você pode ter certeza que não vou deixar você fazer aquilo comigo de novo. E é disso que você precisa, você disse.

- Tem razão. Eu devo deixar você ir embora. Não sirvo para você.

[...] – Bem...é melhor eu ir, então – murmuro, fazendo uma careta ao me sentar na cama.

- Não, não vá.

Ele parece em pânico.

- Não adianta eu ficar. [...]

- Adeus, Christian – murmuro.

- Ana, adeus – diz ele baixinho, parecendo um homem absolutamente alquebrado, num sofrimento agonizante, refletindo como eu me sinto por dentro. Desvio o olhar dele antes que eu mude de ideia e tente consolá-lo.

(JAMES, 2012. p. 447 - 454)

- A punição. Quero saber até que ponto pode ser doloroso. Ah não. Eu a solto e dou um passo para trás, ficando fora de seu alcance.

[...] Está se oferecendo a mim mais uma vez. Minha, ao meu dispor, para que eu faça o que quiser. [...]

E, neste momento, percebo que não há nada que eu queira mais... Não há nada que satisfará mais o monstro que habita dentro de mim. [...]

- Vou mostrar o quanto pode machucar e você pode tomar sua decisão. Está preparada?

[...] Preciso disso. É o que eu faço. E finalmente chegamos a esse ponto.

Ela consegue. [...] Ela não vai fugir. Foi ela quem pediu.

Então, baixo o cinto, golpeando suas nádegas com força.

Ela grita, em choque.

Ela não contou... mas também não disse a palavra de segurança.

- Conte, Anastasia – ordeno.

- Um! – grita ela.

Tudo bem... nada de palavra de segurança.

[...] – Seis! – Murmura Ana, a voz saindo forçada e rouca.

Deixo o cinto cair, saboreando meu alívio doce e eufórico. Estou tonto, ofegante e finalmente me sinto pleno. Ah, esta garota linda, minha garota linda. Quero beijar cada centímetro do seu corpo. Chegamos a esse ponto. Aonde eu queria. Estendo a mão para ela, puxando-a para os meus braços.

- Solte-me... não... – Ela luta para se desvencilhar do meu abraço, empurrando, se afastando e, por fim, se virando para mim feito uma gata selvagem raivosa. – Não toque! – sibila.

[...] Ela está furiosa. De verdade.

Ok, eu não esperava essa raiva toda.

Dê um tempo a ela. Espere as endorfinas agirem. [...]

- É disso que você realmente gosta? De mim, assim?

[...] Por que ela não me pediu que parasse? Não disse a palavra de segurança. Merecia ser punida. Ela fugiu de mim. Revirou os olhos. Isso é o que acontece quando você me desafia, baby.

[...] Merda. O que foi que e fiz?

É decepcionante.

Perco o equilíbrio, como se estivesse hesitante na beira de um precipício perigoso e procuro desesperadamente as palavras para resolver a situação, mas me dá um branco.

- Bem, você é um filho da puta – fala Ana com rispidez.

Solto o ar, e é como se ela tivesse me chicoteado com um cinto... Porra!

Ela me reconheceu pelo que sou.

Ela viu o monstro. [...]

- Não se atreva a apelar para mim! Você precisa se resolver, Grey! – diz asperamente, e sai do quarto de jogos, fechando a porta atrás de si sem fazer barulho. [...]

Ninguém nunca virou as costas para mim. [...] A reação de Ana. Relembro, mesmo sem querer, seu olhar magoado e assustado. É perturbador. Estou acostumado a fazer as mulheres chorarem... é parte do que faço. Mas Ana?

Desabo no chão e apoio a cabeça na parede, os braços em meus joelhos dobrado. [...] Meus pensamentos não me confortam e minha sensação de desconforto aumenta. Os olhos magoados de Ana me encarando, ofendidos, acusatórios, penalizados... Ela pode me ver pelo que sou. Um monstro. [...]

- Acho que não posso ser tudo que você quer que eu seja – reconhece ela, os olhos bem abertos com uma sinceridade cordial.

O mundo para.

Porra.

Não estamos nada salvos.

Grey, conserte isso.

- Você é tudo que eu quero que seja.

Ana franze o cenho. Seus olhos estão vermelhos de tanto chorar, e ela está pálida, o tom mais pálido que já vi nela. É estranhamente excitante.

- Não entendo – diz Ana. – Eu não sou obediente e você pode ter certeza de que não vou deixar você fazer aquilo comigo de novo. E é disso que você precisa, você disse.

E lá veio o golpe de misericórdia. Forcei demais a barra. Agora ela sabe, e relembro toda a discussão que tive comigo mesmo antes de começar a correr atrás desta garota. Ela não tem esse estilo de vida. Como posso corrompê-la desse jeito? É jovem demais, inocente demais... Ana demais.

Meus sonhos não passam de... sonhos. Isso não vai dar certo. [...]

- Tem razão. Eu devo deixar você ir embora. Não sirvo para você.

[...] Fico sem ar, estrangulado por suas palavras, que pressionam seu peso momentâneo em meu peito. Eu me afundo cada vez mais, a escuridão me acolhendo. Não consigo ouvi-las. [...] E o sangue começa a bombear em minha cabeça acompanhando o ritmo do meu coração martelando no peito. Sei o que ela vai dizer. Fico apavorado com o que ela vai dizer.

- Bem... é melhor eu ir, então.

[...] - Não, não vá.

Estou em queda livre, indo cada vez mais para o fundo. O fato de ela ir embora me parece um erro monumental. Um erro meu. Mas ela não pode ficar se tem esses sentimentos por mim. Simplesmente não pode.

- Não vai adiantar eu ficar – argumenta.

[...] - Adeus, Christian.

- Ana, adeus.

As portas se fecham, e ela se foi.

Desabo lentamente no chão e apoio a cabeça entre as mãos. O vazio me oprimindo é doloroso e imensurável.

(JAMES, 2015. p. 468 - 479)

O procedimento de transformar o prazer e a dor em escrita, para resgatá-la, quando necessário, parece remeter ao sentido da definição de psicanálise no Vocabulário de Psicanálise (1998) como método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p.384). Grey apresenta estas questões em seus sonhos nos quais se lembra de sua infância. Sua mãe, na trilogia é, de fato, o único momento no qual a autora apresenta em “Grey” (2015) a história infantil do personagem.

Mamãe saiu. Às vezes ela sai.

E fico só eu. Eu, meus carros e meu cobertor. [...]

Às vezes, ela volta para casa com ele. Odeio ele. Eu me escondo quando ele aparece. Meu lugar preferido é no

armário da mamãe. Tem o cheiro dela. Tem o cheiro da mamãe quando ela está feliz. [...]

Minha cama está fria. E estou com fome. Tenho meu cobertor e meus carros, mas não tenho minha mãe. Quando mamãe vem para casa?

Odeio meus sonhos. São repletos de recordações angustiantes, lembretes distorcidos de uma época que quero esquecer. Meu coração bate acelerado. [...] Mas a pior consequência desses pesadelos é ter que lidar com a ansiedade avassaladora quando acordo.

(JAMES, 2015. P. 207 e 208)

Mamãe saiu. Não sei aonde foi.

Ele está aqui. Estou ouvindo as botas dele. [...]

Ele pisoteia o chão e grita.

Estou no armário da mamãe.

Escondido.

Ele não vai me ouvir.

Consigo ficar quieto. Muito quieto. [...]

“Sua puta de merda!”, grita ele.

Ele grita à beça.

Ele grita com a mamãe.

Grita comigo.

Ele bate na mamãe.

Bate em mim. [...]

(JAMES, 2015. p. 359)

Freud, em 1919, anuncia em uma carta a Ferenczi que estava analisando e escrevendo a respeito do masoquismo. Em seu texto “Uma criança é espancada”, ele observa a frequência com que as pessoas procuram um tratamento analítico por causa de uma doença manifesta, no qual confessam haver abandonado a fantasia. Com isso, Freud nos apresenta que a fantasia tem sentimentos de prazer a ela relacionados e, por causa deles, o sujeito reproduziu-a em inúmeras ocasiões, no passado, ou podendo continuar a fazê-la ao longo de sua vida. O tratamento analítico do problema encontra resistência. A vergonha e o sentimento de culpa são talvez mais intensamente provocados em relação a essa fantasia, do que quando são feitos relatos parecidos de lembranças

do início da vida sexual. Por exemplo, Christian quando criança estava em casa e via sua mãe sendo espancada pelo homem, essa experiência, se as fantasias estavam dormentes, despertava-se de novo, ou, se ainda estavam presentes, eram reforçadas e modificava o conteúdo das fantasias. O que de fato aconteceu no livro “Grey” (2015) já que essas fantasias se encontravam presentes em seus sonhos e em suas escolhas como forma de prazer.

Ainda na perspectiva de Freud (1919), essa fantasia pode ser nascida de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação auto erótica, só pode ser considerada como um traço primário de perversão. Essa perversão pode ser submetida à repressão, substituída por uma formação reativa ou transformada por meio da sublimação. Caso esses processos não ocorram, a perversão persiste até a maturidade, situação em que podemos encontrar uma aberração sexual em adultos, como perversão, fetichismo, inversão. Assim, podemos esperar que a investigação anamnésica revele um evento sugerido por Freud, que conduza a uma fixação na infância. Conseguimos comprovar essa análise de Freud com os trechos apresentados em “Grey” (2015), nos quais o personagem em seus sonhos revela a fixação de seu período da infância.

Ele foi embora. Mamãe está sentada no sofá. Quieta.
 Fico de pé diante dela, mas ela não me vê. Aceno e ela me nota, mas me dispensa com um gesto. Não, seu verme, agora não. Ele machuca mamãe. Ele me machuca. Odeio ele. [...]
 É melhor quando fica só mamãe e eu. Ela é minha, então. Minha mamãe. Minha barriga dói. Fome de novo. [...]
 Ele voltou. [...] Finjo que estou dormindo.
 Ele me cutuca com o dedo. Fique aqui, seu merdinha. Vou trepar com a puta da sua mãe. Não quero ver sua cara feia para cacete pelo resto da noite. Entendeu? Ele me dá um tapa na cara quando não respondo. Ou então vou queimar você, seu babaquinha. Não. Não. Não gosto disso. Não gosto da queimadura. Dói. [...]
 Nem consigo choramingar. Ele me dá um soco...

(JAMES, 2015. p. 502)

Essa ajuda do analista, a que Freud se refere acima, tem por finalidade que o paciente consiga interpretar suas angústias, medos, lembrança da infância e, dessa forma, o sujeito possa elaborar e, assim, superar seus medos.

[...] – Outras mulheres já deixaram você. Por que desta vez foi diferente?

- Sinto saudades dela.

- Você nunca sentiu saudades de nenhuma das mulheres com quem se envolveu antes?

- Não. [...]

- Há muitas questões aqui, Christian. Mas agora quero me concentrar em como você se sentiu quando ela disse que o amava.

- Fiquei apavorado.

- É claro que ficou. – Ele balança a cabeça. – Você não é o monstro que acha que é. É mais do que merecedor de afeto. Sabe disso, já falei muitas vezes. Só na sua cabeça que você não é. E como se sente agora?

- Perdido, sinto-me perdido. [...]

- Ela foi embora.

- Foi embora porque você bateu nela com um cinto. Pode culpá-la se ela não tem os mesmos gostos que você?

- Não

- Você achou as relações sexuais que teve com ela prazerosas?

- Achei, claro. – Respondo irritado.

- Achou prazeroso bater nela?

- Muito!

- Gostaria de fazer isso de novo?

- Não.

- E por que não?

- Porque não é a dela. Eu a machuquei. Machuquei de verdade... e ela não consegue... não quer. Ela não gosta. Ficou muito brava. Brava para cacete. [...]

- E como isso fez você se sentir?

- Desamparado.

- E esse é um sentimento que você conhece bem. – Comenta ele.

- Conheço bem? Como?

- Você não se reconhece nem um pouco? Seu passado?

- Não, não reconheço. É diferente. A relação que eu tinha com a Sra. Lincoln era totalmente diferente.

- Eu não estava me referindo a Sra. Lincoln. Você sabe a quem.

Engulo em seco, tomado pela impotência e raiva de uma criança indefesa. Sim. A raiva. A profunda raiva... e o medo. A escuridão se remexe furiosamente dentro de mim.

- Não é a mesma coisa. [...]

- Estou só demonstrando uma coisa de maneira insensível, Christian. Você é um homem raivoso e tem todos os motivos para ser. [...] É óbvio que a Anastasia teve um impacto profundo em você. O fato de ela ter ido embora despertou seus problemas com abandono e seu estresse pós-traumático. [...] Bem, se ela não está disposta a ser sua submissa, você não pode desempenhar seu papel de dominador. [...] Quando foca seu objetivo, vai em frente e o alcança, geralmente superando as próprias expectativas. Me parece que você estava tão focado em alcançar seu objetivo que não prestou atenção no caminho que estavam percorrendo juntos.

(JAMES, 2015. p. 506 - 508)

Em sua análise encontra-se semelhança entre a dor, o abandono da mãe em sua infância com a perda da Anastasia quando o deixou após mostrar a ela o seu lado sádico. Apresentado o trecho no livro “Grey” (2015), sua sessão com seu psicanalista, confirmando que essa perversão de Grey diz respeito a um tipo de repetição das cenas vividas com a mãe durante a infância. A mãe e ele eram espancados por um cafetão. Tal cena, supomos, é repetida, mas de maneira a inverter a posição passiva anterior para uma posição ativa atual. A reversão ao seu contrário, no entanto, fica presa à repetição.

Conclusão

A literatura pode retratar a realidade, porém as pessoas que lêem interpretam de acordo com seus conhecimentos sobre o tema abordado, com sua vivência e/ou crenças. Nossa leitura convidou o leitor a ir além da representação mimética mais banal que o livro produz: um livro que ensina que a mulher aceitar qualquer tipo de dor e humilhação para dar prazer ao seu parceiro quando este se descreve como sádico. Entendemos que, de fato, isso não ocorre no romance, uma vez que não houve o consentimento da personagem Anastasia para com o sádico Christian Grey. Vale observar que alguns desses críticos indicados sequer chegaram a terminar de ler o livro ou somente leram o primeiro “50 Tons de Cinza” (2012) recusando-se a ler os outros que compõem a trilogia.

Grey se caracteriza como um sádico que aos olhos de Freud é ao mesmo tempo, sempre um masoquista. Isso pode ser confirmado na trilogia, quando a autora narra sobre a introdução deste na prática masoquista. Neste momento, Grey assume o papel de submisso, isto é, o passivo, uma vez que aceitava ser dominado por uma mulher. Ao conseguir se desvincular da personagem que o introduz nessa prática, ele, então, torna-se um sadomasoquista, como defendia Freud.

Sabemos que as práticas BDSM não se encontram nas teorias psicanalíticas, porém existem estudos que abordam o tema, que pode ser relacionado ao sadomasoquismo. Entendemos que não é necessário apenas a prática BDSM em uma relação sexual, pessoas que fazem uso dessa prática em seus relacionamentos conseguem unificar o prazer com a dor ao “sexo baunilha”. Na trilogia, o personagem Grey consegue essa unificação com ajuda da sua parceira Anastasia e juntamente com ajuda de seu psicanalista Dr. Flynn, trabalharam para entenderem as necessidades do paciente/personagem, adequando as práticas no seu relacionamento.

Segundo Freud “o que leva à substituição do objeto pelo fetiche é uma conexão simbólica de pensamento, que na maioria das vezes não é consciente para a pessoa.” (FREUD, 1905, p.146). Assim, consideramos equivocada a visão de Miriam de que o personagem “gosta de machucar mulheres de forma bizarra”, uma vez que essas práticas são fetiches que se apresentam de forma inconsciente.

Em se tratando de literatura, é necessário compreender previamente de qual leitor estamos tratando. Sabemos que aquele leitor que não tem conhecimento teórico pode interpretar a obra de maneira rasteira, como um tipo de elogio à perversão ou à dominação masculina. Porém, quando nos referimos a leitores conhecedores das teorias psicanalíticas, estas práticas servem para estudo de caso.

Por sua vez, para os que fazem uso dessas práticas, a leitura pode ser vista como agradável. A nosso ver, a má interpretação feita pelo leitor acontece quando os mesmos terminam de ler o primeiro livro da trilogia e não dão continuidade na leitura dos demais. Com isso, criam uma opinião incompleta da história retratada na trilogia que descreve uma relação sádica, pois não é explicitada toda a história apenas em um livro. Na sequência das obras, há uma continuidade dos fatos, em que eles aprendem a lidar com o limite do outro, com o prazer que o outro pode lhe oferecer e deseja receber. Ou seja, somente em toda a trilogia da autora Erica Leonard James é possível interpretar/compreender o início, meio e fim do romance, e seus desdobramentos.

Por fim, o romance erótico não apenas descreve o lado sádico do personagem Christian, que sente prazer em infligir dor à sua parceira, como também há importante descrição da submissão de Anastasia, que se submete à dominação. Assim, juntos, conseguem se adequar um ao outro em formas de obterem prazer. Trata-se, como esperamos ter demonstrado nos capítulos anteriores, de um romance didático para entendermos, a partir da psicanálise,

algo do sadomasoquismo. Obviamente, muita pesquisa ainda deve ser feita. O campo literário nos pareceu rico e produtivo para executar essa investigação, na medida em que se aproxima da clínica, campo próprio da psicanálise.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Fernando C. B. A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche. **Estudo de psicanálise**. Belo Horizonte - MG, n.36. p. 55-68 – Dezembro, 2011.

BELO, Fábio R. R. Prefácio. *in*: BACELETE, Larissa. **Repetição e Angústia: Origens da Perversão**. Petrópolis: KBR, 2013.

ESTILO BDSM. **Práticas BDSM**. Disponível em: <<https://estilobdsm.wordpress.com/praticas-bdsm/>>. Acesso em 4 jul. 2017.

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. Do sadomasoquismo erótico do BDSM: discursos de legitimação, direitos sexuais e convenções sociais sobre gênero e sexualidade no contexto brasileiro pós-redemocratização. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2013.

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. *in*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**; trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XIX, p.199-216.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *in*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**; trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.VII, p.129-250.

FREUD, S. Uma criança é espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**; trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XVII, p.225-258.

GUIMARÃES, Roberto M; BENTO Victor E. S. O método do “estudo de caso” em psicanálise. **Revista Psico**. v. 39, n.1, p. 91-99, jan./mar. 2008.

JAMES, E. L. **Cinquenta tons de cinza**; trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

JAMES, E. L. **Cinquenta tons mais escuros**;trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

JAMES, E. L.**Cinquenta tons de liberdade**;trad.Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

JAMES, E. L.**Grey**; trad.Adalgisa Campos da Silva, Maria Carmelita Dias, Julia Sobral. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamem. (2ª ed.; 8ª tiragem). São Paulo: Martins Fontes. 1998.

MOREIRA, Diego. Chicotada: a poesia sadomasoquista como efeito do contemporâneo. **Revista desenredos**, ano VI, número 21, Teresina, ago. 2014.

ROUDINESCO Elisabeth; PLON Michel; **Dicionário de psicanálise**;trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, A. B. R.; CECCARELLI, P.R. Perversão sexual, ética e clínica psicanalítica.**Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n.2, p. 316-328, jun. 2009.

VALAS, Patrick. **Freud e a perversão:reunião de textos de Manoel Barros da Motta**;trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.